

08
09

GRUPO DE TRADIÇÕES CEARENSES



TORÉM (COLHEITA DO CAJU)

A MARCA DO FOLCLORE NORDESTINO
20 ANOS DEPOIS
(1966-1986)

SECRETARIA DE CULTURA E
DESPORTO DO ESTADO DO CEARÁ



SECRETARIA DE INDÚSTRIA E
COMÉRCIO DO ESTADO DO CEARÁ

UM DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA

Acompanhamos, desde os primórdios de sua existência, a ação do **GRUPO DE TRADIÇÕES CEARENSES**, em prol da cultura popular nordestina.

Sob a orientação firme e obstinada da Professora Elzenir Colares, o G.T.C., antigamente denominado Grupo Folclórico Hispano-Brasileiro, vem palmilhando caminhos os mais diversos, na busca de uma trajetória cada vez mais ascendente no sentido de preservar as manifestações populares, marco indelével da nossa cultura.

No momento em que esse admirável GTC completa quatro lustros de próspera existência, incumbe-nos a

missão de ressaltar, neste despretenso registro, o real significado do trabalho sério e eivado de sacrifícios já realizado por uma plêiade de jovens — 36 ao todo — tendo como timoneira a já citada Professora Elzenir Colares. Forte componente do produto turístico, o folclore como é apresentado de forma tão exuberante pelo **GRUPO DE TRADIÇÕES CEARENSES**, cuja fama se estende, hoje, além fronteiras, tendo arrebatado aplausos, inclusive, de público europeu, nos festivais folclóricos de “Confolens” (França), “Friburgo” (Suíça) e “Barcelona” (Espanha), já representa algo

imprescindível na divulgação das “coisas boas” do Nordeste e, de modo especial, do Ceará.

O vigéssimo aniversário do GTC — 12 de outubro de 1986 — é muito mais do que uma simples comemoração, para se transformar num marco histórico que se traduz na tenacidade do povo nordestino, em preservar sua cultura, mesmo nos tempos cibernéticos em que vivemos.

À Elzenir e sua gente, os nossos sinceros aplausos.

José Eyerardo Guedes Montenegro
Presidente da Fundação Cearense
Pró-Turismo (FCPROTUR)

GRUPO DE TRADIÇÕES CEARENSES - 20 ANOS DEPOIS

O folclore brasileiro se traduz no resultado da fusão e da aculturação que os elementos formadores da nacionalidade trouxeram para o nosso País: o índio, o europeu e o negro. Se percorrermos os mais de 8,5 milhões de quilômetros quadrados das terras brasileiras, encontraremos, em cada pedaço de chão, uma manifestação folclórica diferenciada.

Assim é que, nestes últimos vinte anos, o **GRUPO DE TRADIÇÕES CEARENSES** vem coletando, recriando e apresentando todas essas manifestações, procurando, por todas as formas, preservar esse legado cultural.

Fundado a 12 de outubro de 1966, o G.T.C., inicialmente denominado Grupo Folclórico Hispano-Brasileiro,

para atender às programações da Casa de Cultura Hispânica, na divulgação do folclore hispano-americano, o que ainda hoje ocorre, transformou-se, desde 1975, no **GRUPO DE TRADIÇÕES CEARENSES**.

A partir daí, o G.T.C. estabeleceu forte compromisso com as raízes culturais da gente nordestina, maxime, do povo do Ceará, o que é facilmente comprovável pelo sem número de exposições já realizadas, quer na Capital, quer no interior, bem como, na maior parte dos Estados da Federação e no exterior, participando de festivais folclóricos na França, na Suíça e na Espanha, arrebatando aplausos das mais exigentes platéias européias.

Não é sem razão, portanto, que o

GRUPO DE TRADIÇÕES CEARENSES é considerado, com muita justiça, a “**MARCA DO FOLCLORE NORDESTINO**”, como bem atesta o seu “slogan”.

Presentemente, esse Grupo é uma associação cultural e educacional e que mantém convênio com a Universidade Federal do Ceará, por meio da Casa de Cultura Artística, da Pró-Reitoria de Extensão. Trinta e seis jovens figuram no elenco responsável pelo desenvolvimento das atividades desse Grupo, todos imbuídos de espírito elevado na consecução das metas preservacionistas da cultura popular brasileira.

Professora **ELZENIR COLARES**
Presidente

NOSSA CAPA

TORÉM (COLHEITA DO CAJU)

Dança indígena, originária de descendentes dos índios Tremembés, nativos do povoado de Almofala, no Município de Itarema, o **TORÉM** surgiu por

volta do século XVIII, no Ceará. É simples e imitativa da fauna local, sendo comandada pelo chefe (indígena), que agita o seu “aguaim” durante seus

movimentos. O ponto alto dessa dança se registra no momento em que é servido o “mocaroró”, bebida fermentada do caju, por sinal, bastante forte. Outrora essa manifestação servia para comemorar a **FESTA DO CAJU** ou a sua colheita. O espetáculo é de uma plasticidade a toda prova.

“BUMBA-MEU-BOI” ou “BOI-CEARÁ”

O “Bumba-meu-Boi” é um auto ou drama pastoril que, por tradição, é representado durante o período natalino, como sobrevivência das festividades cristãs medievais, em que o culto do boi se fazia em homenagem ao nascimento de Cristo. Essa forma de teatro popular vem de uma tradição luso-ibérica do Século XVI, mas, no Nordeste brasileiro nasceu dos escravos e pessoas pobres agregadas aos engenhos e fazendas. Não há, entretanto, como negar que a área pastoril da região nordestina, bastante desenvolvida no Ciclo do Couro, foi o cenário escolhido para sua formação, duração e



desenvolvimento. No Ceará, o “Bumba-meu-Boi” conta com a figura destacada do Vaqueiro, vestido a caráter, com gibão e chapéu de couro: do “Coronel” dono do Boi, da “Catirina” (uma negra travestida) e

das figuras: “Burrinha”, “Ema”, “Jaraguá” e o próprio “Boi”, dentre outras. A movimentação é a característica marcante desse auto, já bastante conhecido da população brasileira.



CANINHA VERDE

Dança-Cordão de origem portuguesa (região do Minho), introduzida no Brasil durante o Ciclo da Cana-de-Açúcar, a “Caninha Verde”, nos demais Estados brasileiros é, na maioria das vezes, dança de

Fandango. Todavia, no Ceará é uma dança independente e começou a ser conhecida no início do presente século, nas praias de Aracati. Ao aclimatar-se em terras cearenses adquiriu formas próprias, bem

diferenciadas daquelas de outras regiões. No início era dançada tão somente nas zonas praieiras e daí, passou a fazer parte dos festejos mominos. Na verdade, há uma alusão ao período carnavalesco, como se pode perceber pela letra da marchinha fazendo referência aos “três dias da sardinha” e à “Maria Colombina”, Rainha do Carnaval, personagem viva do quadro, bem como, ao Imperador das cortes brasileiras — D. Pedro II.



COCO

Largamente difundida no Nordeste brasileiro, a Dança do Coco surgiu há alguns séculos atrás nos engenhos, no meio dos reduzidos contingentes de negros existentes no Ceará, daí se divulgando para o litoral. Nasceu da cantiga de trabalho, ritimada pela batida das pedras quebrando os frutos. Posteriormente, se

transformou em dança, surgindo uma variedade de temas e formas de coco, que se espalharam por todo o Estado do Ceará. Há, portanto, o Coco de Praia, do qual participa, apenas, o elemento masculino e o Coco do Sertão, dançado aos pares (homens e mulheres), numa forma rítmica altamente contagiante e sensual.



MANEIRO O PAU

Surgido na época do Cangaço, “o Maneiro Pau”, originário da região do Cariri, quando o “morador” daquela área representava a “tropa mobilizada” do Senhor de Engenho, simboliza, a um só tempo, o ataque e a defesa. O “cabra” dos engenhos, como era popularmente chamado, era uma espécie de guarda-costa, hábil no manejo de cacetes ou facões. Por esse motivo, essa atividade foi evoluindo, gradativamente e, de jogo se transformou numa dança, por vezes com características dramáticas. O “Maneiro Pau” é uma dança máscula que dispensa qualquer entrecho dramático e, até mesmo, acompanhamento musical, tendo em vista que o entrechoque dos cacetes, feitos de “jucá” — madeira forte, pesada e resistente — e o coro do dançarinos (“maneiro pau... maneiro pau...!”), produzem a musicalidade e a percussão necessárias a um belo espetáculo.



DANÇA DE SÃO GONÇALO

Como parte integrante da bagagem cultural do Colonizador Lusitano, a dança que integrava o culto a São Gonçalo do Amarante, bastante popular em Portugal, foi introduzida no Brasil, sendo, talvez, um dos ritmos mais difundidos do catolicismo rural brasileiro.

Informa-se que São Gonçalo, frade dominicano que viveu em Amarante no século XIII, quando de sua juventude era um “farrista” e apreciava tocar viola e, ainda, dançar com as prostitutas, impedindo, como isso — que as mesmas se dessem ao vício do pecado carnal. Assim, teria surgido a dança no território nacional



com matizes diversos, embora destinada, na maioria das vezes, a pagar promessas. No Município de São Gonçalo (Ceará), a dança é realizada durante a festa do Santo

Padroeiro e apresentada em nove jornadas, num ambiente de muita fé e animação. São Gonçalo é o protetor dos violeiros e, a exemplo de Santo Antônio, das donzelas casamenteiras.

PAU DE FITAS

Pode ser considerada uma dança universal, pois se encontra registrada em várias partes do mundo. É a sobrevivência das solenidades de culto às árvores, muito disseminado entre as comunidades primitivas. Muitos povos dançavam em torno das árvores — símbolo da fertilidade — adornando-as de mil cores, até que surgiu a idéia de enfeitá-las com fitas policrômicas. No Ceará, o “Pau-de-Fitas” é dançado especialmente em junho, quando acontecem as festividades comemorativas da colheita agrícola.



MUIÉ RENDEIRA

Além de dedicar-se ao desenvolvimento do folclore no seu todo, o Grupo de Tradições Cearenses cria, igualmente, outras danças, a partir da observação dos usos e costumes do povo nordestino. O

quadro apresentado pela “Muié Rendeira” representa, quase sempre, uma verdadeira apoteose das apresentações do G.T.C. A dança focaliza, tanto a Mulher Rendeira como Lampião e seus cangaceiros. A

renda caracteriza uma das atividades artesanais mais comuns e representativas da mulher cearense, seja da zona litorânea, seja da zona sertaneja. Quando Lampião chegou às terras do Padre Cícero — Juazeiro do Norte — tentou seduzir a mulher rendeira (“Tu me ensina a fazer rendã, que eu te ensino a namorar”...), motivando, dest’arte, a criação desse belíssimo quadro, numa das danças de maior beleza plástica, que a todos encanta.



BANDA CABAÇAL

Também chamada “Banda de Couro”, a Banda Cabaçal é o conjunto musical mais típico do interior cearense, especialmente da zona do Cariri. Originou-se no meio dos escravos africanos, segundo estudiosos, mas se desenvolveu e adquiriu peculiaridades próprias entre o povo do Cariri. Outros justificam a influência indígena, devido ao uso de instrumentos de características indígenas — pífanos ou pífaros. A “Banda” compõe-se de quatro elementos tocando zabumba, pífaros e uma caixa. Atualmente, foram



introduzidos os pratos, talvez em virtude da influência das bandas de música. O termo “cabaçal” é originário do fato de o som do conjunto assemelhar-se bastante com aquele produzido pelo choque de cabaças secas.

DANÇAS NACIONAIS

BALAIO

As danças originárias do Rio Grande do Sul estão sempre impregnadas da legítima expressão da alma gaúchesca. Em todas elas está presente o espírito de fidalguia e de respeito à mulher, característica marcante do caráter do campesino riograndense. Podem ser simples ou sapateadas, enlaçadas ou de pares soltos, dependendo de sua origem, portuguesa ou espanhola, na maioria das vezes. O “Balaio” se constitui numa dança genuinamente brasileira. Procede do Nordeste, quer no aspecto de sua musicalidade, quer sob o



ponto-de-vista lingüístico. O nome se origina do aspecto de cesto que as prendas dão às suas saias. O Grupo de Tradições Cearenses, além do “Balaio”, desenvolve uma

série de outras danças gaúchas, destacando-se dentre as mesmas: Xote Carreirinha, Pezinho, Maçanico, Tirana-do-Lenço, Tatu, Anu, Cana-Verde, Chote de Duas Damas.



SEVILLANAS DE BAILE

Além de divulgar a cultura popular brasileira, o Grupo de Tradições Cearenses abriga em seu repertório um vasto número de danças de países estrangeiros, notadamente, européias ou latino-americanas, objetivando estabelecer um paralelo entre as raízes

culturais brasileiras com as desses países. Durante muito tempo o G.T.C. promoveu danças espanholas e americanas, em função do seu antigo nome: Grupo Folclórico Hispano-Brasileiro. A Espanha possui um folclore

riquíssimo e dos mais belos do mundo, daí porque desperta o interesse de todos os que o conhecem. Em Andaluzia, Sul da Espanha, as "Sevillanas" são as danças típicas das "Feiras de Abril", pela sua elegância, alegria, harmonia e movimentos graciosos. São em número de quatro, dançadas pelas jovens andaluzas, ao som das castanholas, transpassando a fronteira com categoria de baile representativo do nacional.



PRESENÇA DO GRUPO DE TRADIÇÕES CEARENSES NO EXTERIOR

Em sua passagem pela Europa (vide-foto) — França, Suíça e Espanha — o Grupo de Tradições Cearenses causou a mais viva impressão, em todos os festivais folclóricos dos quais participou, sendo, inclusive, manchete de primeira página na imprensa européia.